

O Revelar do Sujeito: Entre a Lente e o Divã

Psicanalista Luiz Sanches



A semelhança entre a psicanálise e a fotografia localiza-se no fazer: fotografar ou psicanalisar — se esse verbo existir. Em ambos os compromissos, há a necessidade de saber, acompanhada da cautela de não enquadrar.

Afinal, todo analista precisa, antes, de sua própria análise, de estudos e de supervisão, como forma de introjetar e ser atravessado pela psicanálise. Penso que todo fotógrafo também passa por parte desses processos, a fim de se identificar com uma referência, um estilo, um manejo.

Dessa forma, a necessidade de saber se faz presente. Contudo, a cautela para não enquadrar também aparece — agora em outro sentido. O presente que você recebe de alguém como algo especial. O analista entra em cena sem saber o que será dito, escutado, repetido ou elaborado em cada sessão.

Pondero que o fotógrafo — digo mais, o jovem fotógrafo — viva em consonância com essa experiência. Pode até ter referências, tratando-se de um labor; todavia, ao ir de encontro à criatividade, vê-se traduzindo o processo naquilo que lhe é percebido — ou podemos pensar, escutado.

Esse é o presente: presença e surpresa.

Disto projeta-se um desencontro interessante: a lógica pode se desprender do sentido. Pode existir um sentido desassociado da lógica? Para a psicanálise e para a fotografia, sim.

O sentido reconta uma organização interna do sujeito, particular, distante da lógica, que tende a buscar um significado mútuo e, por vezes, unânime. Assim, a psicanálise e a fotografia se assemelham: o sentido sem lógica, no atender ou no fotografar, constrói o saber sem enquadrar, possibilitando perceber e escutar de forma presente — e que presente!